

ÁREA TEMÁTICA 2: EMPSI - EMPREENDEDORISMO, STARTUPS E INOVAÇÃO

**OS IMPACTOS DO BREXIT PARA O MERCADO DE STARTUPS
FINANCEIRO-TECNOLÓGICAS BRITÂNICAS**

Resumo. No contexto da saída do Reino Unido da União Europeia, ocorreram impactos a nível nacional e internacional; no entanto, é questionável que a retirada tenha sido em todo negativa, em especial quando considera-se o caráter particular do mercado financeiro-tecnológico, o qual ocupa espaço relevante na economia nacional. É de fundamental importância a avaliação do comportamento dessas companhias, visto que as Fintechs, ramificações das Startups, assumem o mercado financeiro gradualmente há anos, e o âmbito instável do Brexit permite a comprovação da funcionalidade dessas empresas em cenários desfavoráveis. Dessa forma, por meio de pesquisas bibliográficas qualitativas, fundamentando o panorama em fontes previamente existentes, propomos uma análise do contexto prévio e posterior ao Brexit e as consequências do evento para o desenvolvimento das empresas desse nicho. Por fim, conclui-se que o ambiente, ainda que instável, não gerou prejuízos ao modelo, em face das possibilidades oferecidas pela nova condição da potência britânica e a própria adaptabilidade das organizações.

Palavras-chave: Startup; Fintech; Brexit; Reino Unido.

Abstract. In the actual context of the United Kingdom exit from the European Union, national and international impacts occurred; however, it is questionable that the exit would be all over negative, especially when considering the particular feature of the financial-technologic market, which takes a relevant place in the national economy. The evaluation of these companies is extremely fundamental, since Fintechs, as Startups' ramification, has grown in importance on the financial market gradually for years, and the unstable scope allows the comprovation of the functionality of these companies in adverse scenarios. Thus, through qualitative bibliographic research, substantiating this paper in previous existing sources, the proposal is to analyze the previous and posterior context of Brexit and its consequences to the development of the companies in their niche. Lastly, the main conclusion is that the environment, even unstable, did not cause losses to the template, in light of the possibilities offered by the new british potency's condition and the organizations' adaptability.

Keywords: Startup; Fintech; Brexit; United Kingdom.

1. INTRODUÇÃO

A União Europeia, fundada após a Segunda Guerra Mundial, é o bloco econômico mais integrado do mundo; contando com a Zona do Euro e o Espaço Schengen como o ápice da parceria político-econômica dos países. Entretanto, fundamentados em desacordos entre os britânicos e a União, em 2016, a tensão entre o bloco e o Reino Unido cresceu, culminando no “Brexit” - um neologismo advindo da aglutinação da expressão em inglês “Britain exit”. Em janeiro de 2020, a saída britânica foi concretizada.

Dentro deste cenário instável, um novo modelo de negócio se desenvolveu: as Fintechs, uma ramificação das startups; as quais, desde o início, foram atraídas pelo governo inglês por meio de diferentes incentivos. Em virtude disso, estas rapidamente assumiram uma grande representatividade na economia nacional. Todavia, diante das adversidades apresentadas pela retirada do país, põe-se em questionamento a viabilidade do crescimento saudável dos negócios.

Tal dúvida nos levou à escrita deste artigo por meio de pesquisas bibliográficas qualitativas, a fim de construir nossa perspectiva a partir de fontes previamente existentes. Dessa forma, o objetivo do artigo é analisar se a saída do Reino Unido da UE realmente trouxe algum impacto para o desenvolvimento do mercado financeiro-tecnológico, o qual é tão relevante para a potência britânica e, em especial, para Londres.

2. AS STARTUPS E SEU ESPAÇO NO REINO UNIDO

2.1. Definição de startups

Dentre os empreendimentos contemporâneos, destacam-se as startups. De acordo com Blank e Dorf (2014), uma startup é composta por um modelo de negócio que fornece produtos com constante renovação, com alta capacidade de adaptação aos tipos de clientes e às quantidades demandadas, mesmo quando exposto a condições de extrema incerteza; pode-se definir esse formato, conforme os autores, como uma empresa criada com o objetivo de gerar grande impacto social ou econômico através de um processo inovador intenso, independentemente de seu tamanho ou desempenho de seu mercado.

Pelo seu caráter inovador, escalável e incerto, o estilo chama a atenção de investidores ao redor do mundo, principalmente pela grande diferença com uma empresa pequena tradicional. Uma startup tem foco em oportunidades, ideias e tendências, enquanto uma empresa convencional surge pela necessidade, e a sua estrutura é voltada para a sobrevivência frente a concorrência.

Essa definição generalizada foi primordialmente aplicada no Vale do Silício, nos Estados Unidos (EUA), mas rapidamente se multiplicou ao redor do mundo, inclusive no Reino Unido (RU), com destaque para a capital da Inglaterra; a cidade londrina, consoante ao site Startup Tracker (2020), detém algumas das maiores

startups britânicas, como a Transferwise, a Revolut e a BTCClicks, as quais representam o setor financeiro-tecnológico das startups.

2.2. Definição de fintechs

Tal ramificação é também chamada de “fintech” – expressão oriunda da aglutinação de “Financial Technology” – e representa a área de combinação entre finanças e a aplicação de tecnologia, com o intuito de criar novas formas de gerenciamento do dinheiro, segundo a definição de Leong e Sung (2018, tradução nossa)¹. O termo surgiu nos anos 80, pelo jornalista Peter Knight para batizar uma coluna sobre negócios no jornal britânico The Sunday Times.

Com a revolução da internet em 1990, a forma dos serviços financeiros foi modificada, já que não havia mais necessidade de contactar fisicamente as firmas, formando a corrente "e-finance", a qual iniciou a aplicação de novos métodos, como pagamentos online e aplicações de seguros. A partir da Crise Financeira Mundial, o mercado passou a criar condições para inovações especialmente nos serviços financeiros industriais. O contexto foi propício para o surgimento de novos negócios e, em consonância com o surgimento dos smartphones e das tecnologias móveis, a tecnologia fintech emergiu após a crise de 2008, no formato de startups, as quais se diferenciam das companhias financeiras tradicionais pelo atendimento a um nicho específico, com uma cultura de constante renovação e soluções rápidas.

Os empreendimentos financeiro-tecnológicos são uma das mais importantes inovações na indústria financeira e estão se desenvolvendo em rápida velocidade, visto que diminuem os custos ao mesmo tempo que aumentam a qualidade dos serviços oferecidos, tornando-se extremamente atrativas para investimentos de empresas tradicionais.

2.3. Inserção do modelo no Reino Unido

Essa forma inovadora de empreendimento foi atraída por medidas de incentivo governamentais, para o que políticos britânicos referem-se como o “Vale do Silício do Reino Unido”. Segundo Andy Bounds (2017, tradução nossa)², o país adotou métodos para incentivar a movimentação dos investimentos, por exemplo; isso é evidenciado pela campanha “Startup Britain” apoiada pelo governo britânico desde 2011, que introduziu uma diminuição da carga tributária para investidores e donos de pequenos negócios. O projeto também inclui planos de empréstimo para esse mesmo público, que entregou mais de 300 milhões de libras para mais de 46 mil startups por meio do British Business Bank - o qual é um banco governamental de promoção do desenvolvimento de iniciativas privadas.

¹ “We define FinTech as a cross-disciplinary subject that combines Finance, Technology Management and Innovation Management.”

² “The coalition government backed StartUp Britain, a business-led campaign launched in 2011, which sponsors the CfE’s work, and introduced or increased tax breaks for investors and owners of small businesses. [...] It also set up a Start Up Loans scheme in 2012, which has handed more than £300m of loans to more than 46,000 start-ups through the British Business Bank, a government-owned development bank.”

Ademais, desde o surgimento da Autoridade de Conduta Financeira do RU, em 2017, intensificaram-se as atividades com a Bolsa de Londres e a Standard Chartered, banco que oferece produtos e serviços financeiros a empresas multinacionais, instituições financeiras e entidades de desenvolvimento, regulando a tecnologia e criando um ambiente econômico mais atrativo as fintechs, em particular (COUTO, 2019).

Como consequência desses métodos, segundo Ryan Browne (2019, tradução nossa)³, Londres superou Nova York e tornou-se o centro financeiro-tecnológico mais ativo do mundo, tanto pelo número de negócios quanto pela captação de recursos; a cidade recebeu cerca de US\$ 2,1 bilhões em financiamento de 114 acordos nos primeiros oito meses do ano – a TransferWise, por exemplo, de acordo com Kelly Couto (2019) tornou-se um “unicórnio”, por ser uma empresa com valor superior a US\$ 1 bilhão, ainda no ano de lançamento do projeto. De acordo com a Crunchbase (2019, apud COUTO, 2019), os bancos baseados em dispositivos móveis, como o Revolut, Monzo e Atom Bank, levantaram mais de US\$ 300 milhões.

Contudo, o cenário econômico criado pelo Brexit, desde a votação até a concretização, instaurou uma nova forma britânica de comercializar com o bloco europeu e, ainda que esse formato seja caracterizado pelo atual líder britânico, Boris Johnson, como uma “nova era de cooperação amigável” e um “novo ato no grande drama nacional”, o evento, que foi resultado de um processo histórico de décadas, trouxe consequências ponderáveis.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-ECONÔMICA DO BREXIT

3.1. Formação e consolidação da União Europeia

A fim de dissipar as tensões existentes entre os países europeus depois da Segunda Guerra Mundial, surgiram diversos formatos de negociações comerciais e políticas, as quais passaram a ser concretizadas a partir de 1951. Entretanto, somente em 1993, com a ratificação do Tratado de Maastricht, que essa intenção de integração sólida culminou na criação da União Europeia (UE), oriunda da Comunidade Econômica Europeia (CEE); assim, foi dada introdução ao processo de novas formas de cooperação entre os governos.

Desde então, o bloco econômico vivenciou alterações no seu formato, com o intuito de estreitar laços entre as nações, no âmbito político e econômico, em especial. Ainda em 1993, foi estabelecido o sistema de Mercado Comum, o qual assegura a livre circulação de mercadorias, de serviços, de pessoas e de capitais; já a implementação do Acordo Schengen, por exemplo, permitiu que as pessoas viajassem sem o controle de passaportes nas fronteiras, o que possibilitou ainda maior comunicação e mobilização entre os países e seus povos (COMISSÃO EUROPEIA, 2019).

³ “London has beaten New York in luring the largest amount of fundraising deals for financial technology companies so far in 2019, fresh research shows. The U.K . capital’s fintech sector attracted a total of 114 deals worth a record \$2.1 billion in the first eight months of the year, according to figures shared with CNBC by industry group Innovate Finance and Mayor of London Sadiq Khan’s promotional agency London & Partners.”

Contudo, o que pode ser considerado o ápice da união entre os países europeus foi o lançamento do Euro como moeda oficial em 2002, criando uma área - chamada Zona do Euro - de plena inserção econômica e monetária, a qual gerou a coordenação espontânea de políticas em comum. Algumas nações, contudo, como o Reino Unido, constituído por: País de Gales, Escócia, Irlanda do Norte e Inglaterra, optaram por não aderir ao sistema, indo contrárias ao aumento de interferência da União Europeia em seus territórios, sendo esse apenas um dos momentos no qual o RU “encontrou dificuldades particulares em conciliar as políticas domésticas com as europeias” (SZUCKO, 2017).

3.2. Condições econômicas oferecidas pela UE

O valor total dos bens e serviços produzidos (PIB) da União em 2017 foi de 15 trilhões de euros, valor que ultrapassa o mesmo índice da maior potência mundial, os Estados Unidos. Outrossim, mesmo correspondendo apenas a cerca de 7% da população mundial, as exportações e importações da UE correspondem a quase 16% dessas movimentações mundiais; isso faz do bloco um dos maiores parceiros do comércio internacional (COMISSÃO EUROPEIA, 2018).

Ademais, 64% das trocas comerciais dos países ocorre entre os integrantes da União, incentivadas pela livre circulação de bens, a qual ocorre sem tarifação, barateando o custo para o exportador e para o importador; tal corte de gastos também é favorável para a população, tendo em vista o barateamento dos produtos com a ampliação da concorrência.

Dentre os benefícios advindos de participar do bloco europeu, a união aduaneira, estabelecida pelo Tratado de Maastricht, “facilita as atividades comerciais das empresas europeias, harmoniza os direitos aduaneiros aplicáveis aos bens provenientes de fora da UE e ajuda a proteger os cidadãos, os animais e o ambiente da Europa.” (COMISSÃO EUROPEIA, 2019). As nações integrantes trabalham como uma unidade, aplicando direitos semelhantes aos bens e serviços importados de fora do bloco; dessa forma, não há direitos aduaneiros a pagar quando os bens são transportados de um país da UE para outro.

A Zona do Euro também apresenta várias vantagens, como preços mais estáveis, garantindo segurança para empresas e integrando variados mercados financeiros, e, com a devida administração da economia, favorecimento do crescimento econômico.

3.3. Crises econômicas e humanitárias no bloco

Em 2008, porém, a Zona foi extremamente afetada pela crise mundial, a qual teve início com o colapso do mercado imobiliário norte-americano; os bancos europeus foram extremamente atingidos e as consequências do impacto financeiro se estendem até os dias atuais – os estados europeus precisaram disponibilizar cerca de US\$ 2,75 trilhões para garantir as operações interbancárias (MAZZUCHELLI, 2008, p. 59).

Segundo o Banco da Inglaterra, os bancos ingleses registraram perdas com marcação a mercado da ordem de 10 bilhões de libras ao mês, entre maio e outubro de 2008, somando mais de 120 bilhões de libras. Além do mais, tal evento marcou o bloco com o nascimento dos "PIIGS", acrônimo pejorativo usado para designar as

economias de Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha, que desde a crise de 2008 enfrentam dificuldades econômicas, o que inevitavelmente impacta em todo o bloco.

Ademais, em 2015, a Europa viveu uma crise humanitária sem precedentes, diante do contingente de imigrantes, fugitivos, em especial, de conflitos nas regiões do Oriente Médio e do Continente Africano. No ano seguinte, a União Europeia necessitou desenvolver um mecanismo de recolocação dessas pessoas, como uma alternativa à superlotação de alguns países, como a Grécia e a Itália, baseado em projeto de reassentamento financeiro por meio da arrecadação de impostos dos cidadãos; mais de 280 milhões de euros seriam destinados a isso, de acordo com o então presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker. Tal acordo foi estabelecido com a Turquia e exemplifica decisões as quais foram recebidas por parte da população britânica como incoerentes, afirmando que a imigração traria vários malefícios, prejudicando o bem-estar nacional.

Outrossim, quando analisa-se a história do RU, é notório as peculiaridades que o distanciam dos outros membros da EU; chegou a tornar-se o maior império do mundo e, na Revolução Industrial, foi o primeiro país a se industrializar em todo o mundo. Hodiernamente, é uma das únicas nações do mundo a manter um sistema parlamentar e uma monarquia constitucional. Essas diferenças, mesmo décadas depois, marcaram no povo britânico, seja este político ou cultural, um sentimento de identidade apartado do resto do continente, gerando um exacerbado nacionalismo, o que, como pode ser exemplificado pela falta de adesão à Zona do Euro e ao Espaço Schengen, impediu a plena integração na UE.

Alicerçados nesses acontecimentos e incompatibilidades, em 2016, concretizaram-se movimentos no Reino Unido defendendo a saída do país da UE, bandeira que ficou conhecida como Brexit. O grupo a favor da retirada, embasado em uma “fraca identificação com a União Europeia, bem como o forte nacionalismo, associados aos problemas econômicos e ao aumento do número de imigrantes no continente [...]” (SZUCKO, 2015, p. 20), idealiza que seja tomado o controle da economia e retomado o crescimento da mesma.

3.4. Concretização do Brexit

Em 23 de junho do mesmo ano, os cidadãos das ilhas britânicas participaram de um referendo sobre a permanência ou saída do país da União Europeia; com uma margem de 52% contra 48%, o resultado da consulta favoreceu a saída do Estado-Membro. Independentemente do pesar exprimido pelos governos integrantes do bloco, o Brexit foi encaminhado inicialmente pelo então Primeiro-Ministro, David Cameron, o qual aplicou o referendo, e, após a sua renúncia, por Theresa May, a qual consolidou as intenções de saída com a Comissão e realizou diversas negociações, até que também abdicou ao cargo por pressões políticas.

Oficialmente, com a liderança de Boris Johnson como Primeiro-Ministro do Reino Unido, em outubro de 2019, em uma reunião extraordinária do Conselho Europeu em Bruxelas, os dirigentes da UE aprovaram o Acordo de Saída e a Declaração Política, a qual estabelece o quadro em que decorrerão as futuras relações entre o bloco econômico e o ex-membro.

O Brexit se concretizou em 31 de janeiro de 2020 e, por mais inesperados que sejam os acontecimentos subsequentes, nem todos os efeitos serão negativos ou

afetarão os vários setores e regiões de forma equitativa. Em relação às consequências econômicas do Brexit, antes mesmo que a decisão do referendo fosse divulgada, houveram abalos deficitários em diversos aspectos, não só britânicos, mas até mesmo mundiais, como quedas de Bolsas de Valores, depreciação cambial e alterações na balança comercial.

4. ANÁLISE DOS IMPACTOS DO BREXIT PARA AS FINTECHS

4.1. Expectativas relativas a economia hodierna do Reino Unido

Com a saída do bloco, tem-se em vista que o RU deixa de ser beneficiado pelas vantagens comerciais oferecidas pela UE, como previamente discutido; porém, passa a negociar novas relações comerciais com países terceiros. Portanto, essa dualidade coloca a balança comercial em questão, tendo em consideração que o resultado desta dependerá do acordo posteriormente estabelecido entre as nações a saída sem uma negociação favorável pode levar a um cenário de recessão.

Já as tarifas internacionais, anteriormente inexistentes entre os países europeus, agora tornam-se motivo de preocupação para os agentes econômicos, pois podem atrapalhar o fluxo comercial do RU com a UE; Boris Johnson já afirmou publicamente o intuito de manter a ausência de taxa sobre produtos comercializados. Quanto ao mercado de trabalho, desconhecem-se ainda quais limitações serão impostas ao intercâmbio de pessoas; as expectativas, porém, podem ser otimistas – de acordo com Emily Nicolle (2019, tradução nossa)⁴, 79% das novas Companhias de Tecnologia pretendem aumentar o número de trabalhadores nos próximos 3 meses.

Além do mais, o Investimento Direto Estrangeiro (IDE), primordial para garantir a solidez econômicas dos Estados e para o desenvolvimento das startups, é impulsionado pela redução de barreiras assegurados pela UE; de acordo com a Studio Graphene (2019, apud NICOLLE, 2019, tradução nossa)⁵, em torno de 66% dos líderes de negócios esperam aumentar os investimentos com o fenômeno do Brexit, crescendo 7% dos três meses anteriores.

Dessa forma, as expectativas são controversas – enquanto alguns acreditam que aumentarão os investimentos e ampliarão sua mão de obra, outros quase 3/4 (73%) dos empreendedores pesquisados acreditam que uma saída do RU da UE sem um acordo seria ruim para os seus respectivos negócios, com a quantidade majoritária (57%) a favor do país permanecer na União (NICOLLE, 2019, tradução nossa)⁶.

Indubitavelmente, o cenário não apresenta possibilidades de rápida superação, visto que ajustes em diversas áreas são necessários – como novos

⁴ “Seventy-nine per cent of young tech companies intend to increase staff numbers in the next three months, City A.M. can today reveal, rising six per cent from last quarter.”

⁵ “According to Studio Graphene’s Tech Tracker index, around 66 per cent of business leaders also hope to raise investment, rising seven per cent from three months ago.”

⁶ “Almost three-quarters (73 per cent) of entrepreneurs surveyed believe a no-deal Brexit would be bad for their business, with the majority (57 per cent) in favour of cancelling Brexit altogether and remaining in the EU.”

tratados e regulamentações, adaptação dos agentes econômicos e novos investimentos.

4.2. Descrição do cenário econômico atual para as startups

Conforme dados do Centre for Entrepreneurs (2019, apud CARRICK, 2020, tradução nossa)⁷, haviam 24 startups para cada mil cidadãos de Londres em 2019; mais de 45 mil companhias de tecnologia foram criadas no Reino Unido no decorrer desse mesmo ano, totalizando um lançamento de 5 companhias a cada hora – dentre essas, mais de 17 mil foram registradas apenas em Londres.

Ademais, de acordo com a iniciativa Startup Britain (2020) previamente mencionada, apenas nos 4 primeiros meses de 2020, mais de 200 mil startups foram fundadas; além do aumento quantitativo, o fundador da Studio Graphene, Ritam Gandhi, afirmou que a vasta maioria dos empreendedores estão confiantes que irão crescer em 2020 (GANDHI, 2019 apud NICOLLE, 2019)⁸.

Quanto às condições de sobrevivência, o setor de mão-de-obra torna-se mais dispendioso ao empreendedor britânico, visto que, diante da reformulação das regulamentações referentes ao intercâmbio de pessoas, readaptações nas suas fontes de contratação podem ser necessárias.

Em virtude disso, os contratadores tenderão a focar em aprimorar as habilidades das suas equipes existentes, fornecendo cursos e treinamentos e repensando as funções de cada posto, ou, como um recursos alternativo, devem procurar fontes de talento inéditas, mas locais (FLEMING, 2020, apud CLAWSON, 2020, tradução nossa)⁹. No entanto, há uma desproporção entre a quantidade enorme de startups e o restrito número de trabalhadores qualificados para as condições estabelecidas; nesse caso, para trazer talentos além das fronteiras, se requer um gasto ainda maior, diante das novas barreiras ao trânsito de indivíduos.

Já os investimentos obtiveram mudanças mais positivas; cresceram em oferta e demanda – há mais empreendedores buscando por capital e mais investidores buscando por oportunidades. Segundo pesquisa apresentada por Josephine Melvin (2020, tradução nossa)¹⁰, 34% dos investidores pretendiam, no início de 2020, investir em pequenos negócios com potencial previsão de crescimento nos próximos dois anos – essa movimentação garante um conseqüente surgimento de novos postos de trabalho, o que gera um crescimento econômico em escala. Outrossim,

⁷ “Data from the Centre for Entrepreneurs’ annual startup index released on Monday showed that there were 24 startups for every 1,000 citizens in the capital.”[...] “Over 45,229 tech startups were launched in 2019, totalling five new tech startups launched every hour. Of these, 17,401 were registered in London.”

⁸ “While there has been a dip in confidence over the past three months, it’s important to note that the vast majority of tech startups are confident they will grow in the year ahead,” said Gandhi.

⁹ “They (employers) should focus on upskilling or cross-skilling existing staff, rethinking job descriptions and hiring from unconventional talent pools,” she says.

¹⁰ “34% of investors would like to invest in small businesses with growth potential in the next two years.”

¹¹ “Startups in the UK won \$13.2bn in 2019, according to new figures by Dealroom and TechNation.”

“Even for the small proportion of London startups who think about relocating their HQ, chances are that they will consider relocating to an ecosystem where the founder has a previous history, either private, educational, or work related, or simply has a well-established network in the area.”

startups no Reino Unido receberam \$13.2bn em 2019, de acordo com a Dealroom and TechNation (2020, apud DARRAH, 2020, tradução nossa)¹¹, atingindo um recorde nos investimentos em companhias de tecnologia, subindo 44%, uma vez que os fundos da Ásia e Estados Unidos diminuíram as preocupações com o Brexit.

Quanto aos empreendimentos previamente existentes, desde que o processo de saída foi declarado em 2016, várias transferências de sedes para outros ecossistemas europeus ocorreram. É também notório que, conforme uma pesquisa da Universidade de Ciências Aplicadas de Amsterdã publicada e feita por Amelia Roman e Niels Baay em 2019¹², quase a totalidade dos entrevistados com intenção de relocação afirmaram que o fariam para lugares os quais os empreendedores já possuíam conexões prévias e um networking existente; ou seja, a razão incutida na decisão é a busca por um contexto menor conturbado, não necessariamente mais favorável.

Um exemplo de relocação: no total, 42 empresas que tinham sua sede no Reino Unido se mudaram para Holanda em 2018, antes mesmo da confirmação da saída, por causa das incertezas relacionadas com o Brexit, de acordo com o Ministério de Assuntos Econômicos holandês (ACORDO..., 2019); além destas, mais de 250 empresas estrangeiras pretendem seguir esse caminho. Essas empresas trabalham, principalmente, no setor das finanças, de mídia e da saúde, indicou a agência.

Dessa forma, diante do aumento considerável da presença de Startups no Reino Unido, mas contabilizando as saídas de empresas anteriormente estabelecidas como um método de prevenção, é possível avaliar que o cenário mostrou-se controverso. Simultaneamente a persistência da instabilidade como um obstáculo ao amplo desenvolvimento, as condições favoráveis proporcionadas pela abertura financeira e pela negociação direta com outras regiões tornaram o ambiente agradável para o surgimento de novas companhias.

4.3. Exposição das consequências diretas para as fintechs

A Transferwise, que se tornou um dos primeiros “unicórnios” em 2017 e uma das últimas empresas do ramo a confirmarem sua expansão para além do Reino Unido, abriu um novo escritório em Bruxelas e conquistou uma licença europeia, com o intuito de garantir sua capacidade de continuar operando sem obstáculos pós-Brexit.

O chefe executivo da instituição, Kristo Käärmann (2019, tradução nossa)¹², afirmou que uma atuação na Bélgica garante que continuem provendo um serviço global, independente do acordo entre o RU e a UE, e que Bruxelas, por ser o “coração da União Europeia”, segundo o mesmo, é o ideal para os propósitos da startup. A sede principal manterá-se em Londres, mas a equipe será reduzida, o que deixa transparecer uma possível mudança na decisão – já foram anunciadas negociações com o Banco Nacional da Bélgica, similares a relação estabelecida com a Autoridade de Conduta Financeira, órgão regulador financeiro britânico (KAARMANN, 2019 apud MEGAW, 2019, tradução nossa)¹³.

¹² “A Belgian licence ensures we can continue to provide a great service globally to our customers, whatever happens with the Brexit deal. [...] Brussels is at the heart of all EU affairs, so establishing an office in the city makes great sense for us.”

A Revolut, um banco online com mais de 10 milhões de consumidores e também sediado em Londres, já havia garantido, desde 2018, sua licença na Lituânia, país esse que tem tentando atrair Fintechs, como uma parte de um plano de contingenciamento pós-Brexit. No processo de mudança, ocorreram transferências de todos os seus clientes localizados na Europa Central e Oriental para a nova entidade, a “Revolut Payments UAB”, que lida com instrumentos de pagamento eletrônico, a qual possui os mesmos direitos de atuação que a Revolut LTD britânica, mas agora tendo o Banco da Lituânia como supervisor (SKINNER, 2020, tradução nossa)¹⁴.

Destaca-se, no entanto, que nenhuma dessas deslocções, as quais foram consideradas as mais relevantes, foram justificadas por impactos financeiros diretos; ambas foram influenciadas, de acordo com as informações divulgadas, pela instabilidade provocada pelo Brexit, como medidas preventivas baseadas em condicionalidades.

Referente a novas companhias, os acontecimentos foram mais positivos. Analisando os antecedentes do comportamento de iniciativas fintechs no RU, em especial, o aumento exponencial de sua presença no país após a crise de 2008, é possível afirmar que o ambiente de crise ou instabilidade não se mostra como um fator contrário ao desenvolvimento das empresas; pelo contrário, como anteriormente mencionado, mais de 45 mil companhias de tecnologia foram criadas no Reino Unido no decorrer de 2019.

Um exemplo desse crescimento é a Tide, uma companhia fintech a qual se estabeleceu em 2019 e que providencia serviços financeiros móveis principalmente para pequenos e médios empreendimentos; a startup permite empresas criarem uma conta corrente e ter acesso a vários serviços financeiros em instantes (incluindo contabilidade automatizada e faturamento integrado).

Durante os principais momentos de incertezas, o fundador da Tide afirmou, em 2016, que o pós-Brexit era o cenário perfeito para o lançamento da companhia; “Não há dúvidas que nos tempos de insegurança, serviços financeiros de baixo custo para empreendedores serão mais valiosos no momento em que estes experimentam um maior grau de conforto. É um velho clichê, mas as melhores startups são lançadas em situações de adversidade e nós acreditamos que isso será verdade para nós.” (BEVIS, 2016 apud WILLIAMS-GRUT, 2016, tradução nossa)¹⁵.

Contudo, a partir dos meses iniciais de 2020, o mundo se deparou com a pandemia do Covid-19, a qual gerou impactos inimagináveis a todos os países, tanto nos setores humanitários quanto financeiros; assim, o ambiente instável foi ainda

¹³ “We’re keen to build a similarly productive relationship with the National Bank of Belgium to the one we already have with the UK’s Financial Conduct Authority.”

¹⁴ “[...] Revolut said that in order to protect its customers from the effects of Brexit, it would be moving relevant clients to an entity called Revolut Payments UAB, an institution handling electronic payment instruments, operating under a license from the Bank of Lithuania.”

¹⁵ “There’s no question that at a time of insecurity, cost effective financial services for entrepreneurs are going to be more valuable at a time when entrepreneurs were experiencing a greater degree of comfort. It’s an old cliché but the best startups launch in situations of adversity and we think that will be true for us.”

mais afetado pela inesperada crise, a qual retém consequências ainda desconhecidas.

5. CONCLUSÃO

Analisando a sequência histórica da formação da União Europeia, é visível a sua relevância para a integração regional, já que facilita a interação entre os países. Todavia, conforme os impasses vivenciados na crise financeira de 2008 e na crise humanitária de 2015, além das históricas incompatibilidades entre o RU e a instituição - já que a nação desenvolveu-se política e culturalmente apartada do resto do continente, concebendo um exacerbado nacionalismo entre a população -, foi inevitável o surgimento de movimentos favoráveis ao Brexit, provocando incertezas ao mercado promissor de startups fintechs em um dos principais polos mundiais, o Reino Unido.

Ao confrontar a previamente mencionada definição de startup como um modelo de negócio voltado para ambientes instáveis e os valores positivos apresentados pelas empresas em 2019 - com destaque para o aumento recorde de investimentos em startup e o surgimento de 45 mil novas companhias -, concluímos que o Brexit não trouxe impactos desfavoráveis as Fintechs. Por outro lado, as decisões de realocação de grandes fintechs, como a Revolut e a Transferwise, foram necessárias como uma **ação preventiva** às possíveis consequências - ainda desconhecidas quando houveram as transferências - que a grande mudança no sistema britânico poderiam causar; essas retiradas, contudo, não trouxeram danos ao nicho.

Dessa maneira, em contraponto às expectativas (antes da crise do COVID-19), conclui-se que o Brexit atraiu movimentações positivas ao mercado financeiro-tecnológico, principalmente para novas startups fintechs em fase de crescimento, segundo o estudo apresentado previamente por Melvin (2020), beneficiando, assim, a economia nacional.

A necessidade de mudanças é clara, em vista das alterações no formato do Reino Unido regular seu mercado interno e relacionar-se com o comércio internacional. As garantias e os auxílios oferecidos pelo governo amparam a iniciativa privada nessas modificações - projetos como a Campanha Startup Britain, o British Business Bank e a Autoridade de Conduta Financeira seguem em funcionamento -; logo, é possível supor que a transição será bem-sucedida, visto que contará com amparos.

Em vista de estudos futuros, é relevante ressaltar que o ainda ausente acordo entre a União e o RU pode conduzir o cenário a condições divergentes das apresentadas nesse estudo, sobretudo diante da nova configuração internacional desenhada pela pandemia do COVID-19.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACORDO entre UE e Turquia sobre refugiados entra em vigor. **G1**, 2016.

Disponível

em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/03/acordo-entre-ue-e-turquia-sobre-refugiados-entra-em-vigor.html>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

BLANK, Steve; DORF, Bob. **Startup** : manual do empreendedor. 1ª edição. Rio de Janeiro: Alta Books Editora, 2014. Cap. 1. p. 32-44.

BOUNDS, Andy. Number of UK start-ups rises to new record. **Financial Time**, 12 de dez. de 2017. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/cb56d86c-88d6-11e7-afd2-74b8ecd34d3b>>. Acesso em: 07 de mai. de 2020.

BROWNE, Ryan. London just overtook New York for fintech investment, research shows. **CNBC**, 2019. Disponível em: <<https://www.cnbc.com/2019/09/22/london-just-overtook-new-york-for-fintech-investment-research-shows.html>>. Acesso em: 06 de abr. de 2020.

CARRICK, Angharad. London leads the UK in creation of startups. **City A.M.**, 13 de jan. de 2020. Disponível em: <<https://www.cityam.com/london-leads-the-uk-in-creation-of-startups/>>. Acesso em: 05 de set. de 2020.

CLAWSON, Trevor. Brexit Instability And Atitudes To Minorities Threaten UK Startups' Ability To Attract Talent. **Forbes**, 2020. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/trevorclawson/2020/01/28/brexit-instability-and-attitudes-to-minorities-threaten-uk-startups-ability-to-attract-talent/#4a8717aef7f7>>. Acesso em: 04 de mai. de 2020.

COMISSÃO EUROPEIA. **A economia**. 2018. Disponível em: <https://europa.eu/european-union/about-eu/figures/economy_pt#:~:text=Em%20termos%20do%20valor%20total,300%20mil%20milh%C3%B5es%20de%20euros>. Acesso em: 5 de set. de 2020.

COMISSÃO EUROPEIA. **Tratados da União Europeia**. 2019. Disponível em: https://europa.eu/european-union/law/treaties_pt. Acesso em: 28 de mar. de 2020.

COUTO, Kelly. Londres se torna a capital das fintechs e criptoempresas do mundo. **Capital Econômico**, 25 de set. de 2019. Disponível em: <<https://revistacapitaleconomico.com.br/londres-se-torna-a-capital-das-fintechs-e-criptoempresas-do-mundo/>>. Acesso em: 31 de mar. de 2020.

DARRAH, Kim. Britain's tech industry shrugs off Brexit fears with record £10bn startup investment. **Sifted**, 2020. Disponível em:

<<https://sifted.eu/articles/uk-tech-startups-growth-asia/>>. Acesso em: 06 de mai. de 2020.

LEONG, Kelvin; SUNG, Anna. FinTech (Financial Technology): What is It and How to Use Technologies to Create Business Value in Fintech Way?. **International Journal Of Innovation, Management And Technology**, v. 9, n. 2, p. 74-78, abr. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18178/ijimt.2018.9.2.791>>. Acesso em: 31 de mar. de 2020.

MAZZUCHELLI, Frederico. A crise em perspectiva: 1929 e 2008. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 82, p. 57-66, Nov. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002008000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 de mai. de 2020.

MEGAW, Nicholas. Brexit drives Transferwise to open belgian office. **Financial Times**, Londres, 09 de jan. de 2020. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/bbe1487e-1438-11e9-a581-4ff78404524e>>. Acesso em: 07 de mai. de 2020.

MELVIN, Josephine. Investors Ready to Back British Business After Brexit. **TechRound**, 28 de jan. de 2020. Business. Disponível em: <<https://techround.co.uk/news/investors-ready-to-back-british-business-after-brexit/>>. Acesso em: 06 de mai. de 2020.

NICOLLE, Emily. Tech startups resilient on hiring potential despite political turmoil. **City A.M.**, 07 de out. de 2019. Disponível em: <<https://www.cityam.com/tech-startups-resilient-on-hiring-potential-despite-political-turmoil/>>. Acesso em: 06 de mar. de 2020.

PRESSE, France. Com Brexit, mais de 40 empresas deixaram o Reino Unido e foram para Holanda em 2018. **G1**, 10 de fev. de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/02/10/com-brexit-mais-de-40-empresas-deixaram-o-reino-unido-e-foram-para-a-holanda-em-2018.ghtml>>. Acesso em: 04 de mai. de 2020.

ROMAN, Amelia; BAAY, Niels. The plight of London-based startups: relocation uncertainty due to Brexit. **RENT 2019 Conference**, jan. 2019. Disponível em: <https://pure.hva.nl/ws/files/6759298/The_plight_of_London.pdf?_ga=2.31927870.1606648933.1599490302-905223751.1599490302>. Acesso em: 07 de mai. de 2020.

SANDFORD, Asladair. Brexit Timeline 2016–2020: key events in the UK’s path from referendum to EU exit. **Euronews** , 30 de jan. de 2020. Disponível em: <<https://www.euronews.com/2020/01/30/brexit-timeline-2016-2020-key-events-in-the-uk-s-path-from-referendum-to-eu-exit>>. Acesso em: 01 de abr. de 2020.

SKINNER, Celeste. Revolut Transfers CEE Clients to Lithuanian Entity Ahead of Brexit. **Finance Magnates**, 14 de abr. de 2020. News (FinTech). Disponível em: <<https://www.financemagnates.com/fintech/news/revolut-transfers-cee-clients-to-lithuanian-entity-ahead-of-brexit/>>. Acesso em: 07 de mai. de 2020.

STARTUP BRITAIN. **Startup Tracker**, 2020. Tracker. Disponível em: <<http://startupbritain.org/startup-tracker/>>. Acesso em: 04 de mai. de 2020.

SZUCKO, Angélica S. Saída à moda inglesa: o referendo no Reino Unido e a questão identitária na União Europeia. **European Union External Action**, p. 20.

2015. Disponível em: <http://eeas.europa.eu/archives/delegations/brazil/documents/press_corner/news/20151105_1/20151105_1_angelica-saraiva-szucko_pt.pdf>. Acesso em: 07 de mai. de 2020.

SZUCKO, Angélica S. União Europeia em redefinição: reflexos identitários no resultado do referendo britânico. **Encontro da Associação Brasileira de Relações Internacionais**, 2017. Disponível em: <https://www.encontro2017.abri.org.br/resources/anais/8/1498312827_ARQUIVO_SZUCKO,Angelica.UniaoEuropeiaemredefinicao-reflexosidentitariosnoresultadodoreferendobritanico.pdf>. Acesso em: 12 de jun. de 2020.

UK tech startups overwhelmingly confident despite government’s ‘awful’ handling of Brexit. **BBP Media**, 2019. Disponível em: <<https://www.bbpmmedia.co.uk/business-insights/tech-it/uk-tech-startups-overwhelmingly-confident-despite.html>>. Acesso em: 07 de mai. de 2020.

WILLIAMS-GRUT, Oscar. There’s a new digital-only bank and its CEO says Brexit is the ‘perfect scenario’ to launch. **Insider** , 25 de jul. de 2016. Disponível em: <<https://amp.insider.com/tide-bank-launch-funding-brexit-perfect-scenario-2016-7>>. Acesso em: 07 de mai. de 2020.